

Museu de motos em Piri ameaçado de fechar

PÁGINA 5



Bloco LGBTQIA+ traz Aretuza Lovi ao Distrito Federal

PÁGINAS 8 E 9



Comédia Drag estreia com entrada gratuita

PÁGINA 16



2.º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Turnê de 40 anos do The Cult no Brasil vê o hoje, não o passado, diz líder da banda

'Somos só quatro caras no palco, destruindo tudo'



Por André Barcinski (Folhapress)

“Somos só quatro caras no palco, destruindo tudo. Não há efeitos ou grandes produções, só nós e a nossa música”, diz o cantor Ian Astbury, líder do The Cult, a banda britânica que vem ao Brasil para shows no Rio neste sábado (22), São Paulo (23) e Curitiba (25). A turnê se chama “85-25”, mas Astbury rechaça qualquer tentativa de fazer dela uma celebração nostálgica:

“Não estamos revisitando o passado, mas mostrando como estamos hoje. Lançamos um disco em 2022. Nossos shows refletem toda a trajetória de 40 anos da banda”.

The Cult tem uma história curiosa. A banda surge em Bradford, na Inglaterra, em 1983, com o nome de Death Cult - Astbury teve uma banda anterior, chamada Southern Death Cult -, no meio da onda pós-punk de nomes como Echo and the Bunnymen, Siouxsie and the Banshees e Gang of Four. À época, a Death Cult tinha uma pegada gótica e dividiu palcos com bandas como Bauhaus e Birthday Party.

Astbury é inglês, mas mudou com a família aos 11 anos para o Canadá, onde ficou por cinco anos. A família morava a 50 quilômetros da fronteira com os Estados Unidos, e o jovem Ian foi impactado por programas de rádio e TV americanos que o apresentaram à então nascente onda do punk rock: “Lembro ligar a TV e ver o New York Dolls tocando, aquilo foi um choque”.

Em 1977, aos 15 anos, Astbury foi passar férias com familiares em Londres e caiu de cabeça na cena punk britânica: “Aquilo era uma loucura, havia shows

todo dia de bandas como Stranglers e The Damned. Eu vi o Clash ao vivo e foi muito marcante”, lembra. A família Astbury voltou definitivamente ao Reino Unido por volta de 1979, quando a mãe de Ian, então sofrendo com um câncer, pediu para morrer em sua terra natal, a Escócia.

Em Glasgow, Ian tornou-se figura carimbada na cena local de rock alternativo. “Eu ia a shows todo dia. Era muito barato para entrar, coisa de uma libra, e a quantidade de grandes bandas era impressionante”, recorda o músico.

Continua na página seguinte